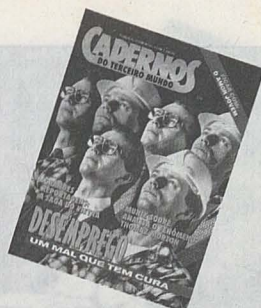


# DESEMPREGO: Uma doença que tem cura



*A crise estrutural do sistema produtivo tem gerado índices de desemprego que superam 10% na Europa Ocidental e 6% nos Estados Unidos, e questionado a noção tradicional de trabalho como fator de integração na economia e na sociedade*

Frância: protestos de estudantes  
Liziam o governo  
recurrer e abolir  
a redução  
de salários  
mínimo para os  
trabalhadores



**Operários da Air France, em Paris, marcham em direção ao aeroporto Charles de Gaulle para ocupá-lo em protesto contra um plano de racionalização que deixou 4.000 trabalhadores na rua, em fins do ano passado**



**França: protestos de estudantes fizeram o governo recuar e abolir a redução do salário mínimo para os recém-formados**

**A** conferência sobre o emprego celebrada em março passado em Detroit, Estados Unidos, pelos ministros do Trabalho e da Economia dos países do Grupo dos Sete (G-7), que reúne as nações mais industrializadas do mundo, acabou sem que se apresentasse nenhuma alternativa para solucionar este problema. Mas, como os próprios participantes da reunião diagnosticaram, a atual é a maior das crises de desemprego já vividas pelos países ricos desde a Grande Depressão de 1929.

Muitas das nações mais poderosas do mundo descobriram que a lógica de maiores lucros e prosperidade, que seguiram inexoravelmente até agora, está acompanhada de um efeito colateral, inesperado e, em grande parte, inexplicável: um crescente exército de homens e mulheres física e mentalmente aptos para trabalhar foi retirado ou excluído da força de trabalho europeia e norte-americana. No Japão, um templo da estabilidade no trabalho, começa a colocar-se em discussão o tema da flexibilização nas leis trabalhistas para permitir as demissões.

Os economistas neoliberais clássicos, os que mais impulsionaram o retorno às leis frias do mercado, propondo a retirada do Estado como executor de políticas sociais, não conseguem definir o fenômeno ao qual o mundo assiste. Nos 24 países que integram a OCDE (Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento), que reúne os países mais industrializados do mundo, 30 milhões de pessoas estão sem trabalho. Curiosamente, poucas semanas depois do encerramento da conferência de Detroit, em 8 de maio passado, morria um dos mentores do crescimento especulativo das economias às custas do trabalho produtivo. Richard Nixon, foi quem suprimiu em 1971 a convertibilidade do dólar com o ouro, segundo o padrão criado em julho de 1944 em Bretton Woods.

Nixon tomou essa decisão para salvar a moeda norte-americana das pressões inflacionárias criadas pelos gastos da guerra do Vietnã. Deixou o dólar flutuante, de acordo com o mercado de oferta

e demanda, e acabou com o lastro em ouro, provocando uma desvalorização que favoreceu as exportações dos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, abriu um grande espaço à especulação monetária. Segundo um recente relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), quase três bilhões de pessoas em todo o mundo carecem de uma remuneração apropriada.

O crescimento econômico sem geração de emprego não é um fenômeno atribuído só à especulação financeira que começou nos anos 70 e reinou durante duas décadas nas economias capitalistas mais avançadas. Os novos avanços tecnológicos, principalmente o advento do computador pessoal e da robótica, contribuíram para a expansão do desemprego. Paradoxalmente, o alívio que os avanços científicos podem trazer para os trabalhadores – pela supressão de tarefas penosas, fatigantes e insalubres e a diminuição da jornada de trabalho – está subordinado à lógica do lucro e da acumulação privada.

Assim, para o economista polaco-francês Ignacy Sachs, um dos pensadores econômicos mais comprometidos com a busca de modelos de desenvolvimento econômico que não excluam o ser humano, esse quadro se agrava mais quando se observam seus resultados a partir do acesso equitativo aos recursos disponíveis, da satisfação das necessidades básicas “e, sobretudo, da privação do direito ao trabalho, que não é apenas uma forma de assegurar a sobrevivência, como também um elemento fundamental para a integração social e a dignidade humana”.

As complexas derivações do tema do desemprego em nossos dias é o tema de capa desta edição de **cadernos do terceiro mundo**. Como demonstra em seu artigo o professor Theotonio dos Santos, esse problema tem solução e curiosamente a chave está no crescente papel do Estado neste fim de século. Só o Estado é capaz de planejar a atividade econômica e colocar a educação a serviço da causa maior: a criação de oportunidades de trabalho para todos.